

O PAVÃO MISTERIOSO: DO CORDEL A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Adriana Alves Leal Maranhão (FAFIRE)¹

Mônica dos Santos Melo (UFPE)²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar, de forma abrangente, a narrativa O Pavão Misterioso. História imortalizada pela Literatura de Cordel e com representação, também, na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira. Em ambas as linguagens literárias, muitas são as versões. Por meio de uma análise crítica, embasada nos conceitos de literatura oral, memória, tradição, imaginário, e cultura popular, esboçaremos possíveis intersecções entre essas manifestações artísticas. Ressaltando as contribuições da matriz proveniente do cordel às mais variadas versões direcionadas ao público infanto-juvenil.

PALAVRAS- CHAVE: Pavão misterioso; Cordel; Literatura popular; Literatura Infanto-Juvenil.

O CORDEL COMO EXPRESSÃO LITERÁRIA POPULAR

Antes de esboçarmos considerações mais detalhadas sobre o cordel, enquanto manifestação artística de base popular, é de vital importância desenvolver alguns conceitos, relacionando-os com o contexto da Literatura, principal arte no qual o cordel parece se enquadrar ou, talvez, com o qual, evidentemente, imbricado. Inicialmente, traremos alguns conceitos sobre Literatura em seu sentido amplo, posteriormente focaremos em uma importante interface, a Literatura Oral, que congrega o cordel como uma de suas muitas possibilidades de realização. Por fim, será analisada a narrativa de O

¹ Licenciatura em Letras Vernáculo pela Unicap e pós-graduanda em Literatura Brasileira pela Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire). Email: adrianamaranhao2002@yahoo.com.br

² Jornalista pela UFPE, Bacharel em Administração pela UPE, pós-graduada em Literatura Brasileira pela Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire), e Mestranda em Teoria da Literatura. Email: monicasantosmelo@gmail.com

Pavão Misterioso, relacionando a matriz do cordel aos escritos de Literatura Infanto-Juvenil de Ana Maria Machado e Ronaldo Correia de Brito, temática dos próximos capítulos.

Sobre literatura, Massaud Moisés, no *Dicionário de Termos Literários*, traz-nos a seguinte reflexão:

O Conceito de Literatura está implícito, de forma sistemática e persistente em todas as polêmicas doutrinárias e em todos os escritos críticos: Parece fora de dúvida que os desentendimentos nessa área principiam e terminam na noção de "Literatura"... Com o tempo passou a significar "arte das belas letras", e por fim "arte literária. (MOISES, 2004, p.264).

Será aqui colocada em foco uma interface literária denominada por alguns estudiosos e folcloristas de literatura oral, situada espacialmente no contexto brasileiro. A literatura oral enquanto campo de estudo foi inicialmente conceituada pelo autor francês Paul Sébillot como grupo de fatos folclóricos caracterizados em sua essência por serem transmitidos por via oral. Seria um mundo de manifestações tradicionais populares contadas de pessoa a pessoa, embasadas na rememoração. É importante ressaltar que a literatura oral antecipa, de certo modo, as temáticas que, posteriormente, tornar-se-iam escritas, ou em outra hipótese, esta estabelece uma nova relação semântica com o texto escrito, utilizando-o como suporte, mas nunca como meio indispensável da prática literária.

A literatura oral brasileira contempla um mar de ricas manifestações, que reproduzem a identidade de nosso povo. É formada por variados gêneros, apresentados de maneira bastante peculiar. O cordel, em suas múltiplas facetas, é um deles. Os processos criativos dos gêneros de literatura oral não são de criação simples, embora a maioria deles apresente estrutura compacta. Uma das características mais expressivas é a possibilidade de variação, fazendo com que possam ser adaptados contornos locais e temporais, embora a essência tenda sempre ao universal.

As temáticas evidenciadas pela Literatura oral podem inicialmente denotar simplicidade psicológica. No entanto, um olhar mais

atento poderá avançar e enxergar, por meio do imaginário coletivo, questões de extrema complexidade. O Brasil reflete, de forma significativa, na sua literatura oral, inúmeras matizes culturais. Há influência de todos os povos que o compuseram como nação. Sendo de difícil trabalho a identificação objetiva de cada um desses povos em separado. Ainda assim, Mário de Andrade, em um dos seus muitos estudos de cunho antropofágico, tenta sinalizar a origem de algumas influências, conforme nos aponta Câmara Cascudo, no livro *Literatura Oral no Brasil*.

Segundo Mário de Andrade, os indígenas emprestaram aos contos populares o maracá, que corresponde a um refrão curto, amplamente utilizado. A influência africana se faz de maneira bastante evidente pela rítmica, renovando, expressivamente, nossa linha melódica. Há a repetição de palavras e a relevância do ritmo, elemento extremamente valorizado e visto como aspecto dominante de nossa cultura contadora. Os portugueses, segundo o estudioso modernista, seriam os maiores responsáveis pela adentramento de variado patrimônio artístico no Brasil. Eles nos emprestaram muito de sua herança Ibérica, que se faz sentir em todo o contexto cultural brasileiro.

São eles os responsáveis pela inserção no Brasil da literatura de cordel, enquanto poética da oralidade focada neste estudo. Ainda que esta modalidade de folheto tenha surgido na Idade Média, de difusão oral, foi com a invenção da imprensa que a distribuição/venda passou a se dar em folhetos de papel de qualidade e preço baixos. Escoado para o Brasil, dentro do processo de colonização, também aqui esta modalidade de literatura é de base oral, visto que a colônia portuguesa constituía repositório, em sua maioria, de gente iletrada. Dessa forma, as histórias eram repassadas, verbalmente, por poetas populares em locais públicos, como feiras e praças.

Fechando mais esta seara, tanto em nível temporal como em nível espacial, Amorim (2008, p.37) atesta que “tradições poéticas medievais são parte do legado que construímos e comparece, vigorosamente, na poesia oral existente em Pernambuco”.

Aprofundando a discussão em torno desse folheto recitado, a estudiosa aponta características da mencionada modalidade artística:

[...] literatura dialogal, em língua corrente, do cotidiano, das sabenças e do senso comum. É alimento para a memória auditiva, para a memória do corpo, facilita a reprodução e engendramento de discursos de oralidade. A incorporação de temas contemporâneos, de novas tecnologias de comunicação, do que é feito e vivido no instante, tudo se mistura a camadas e camadas de memória cultural [...] (AMORIM, 2008, p.44).

O cordel é também um gênero de literatura oral, impresso em folhetos que por vezes são ilustrados por xilogravuras. Apresentam formas poéticas em estrofes normalmente de seis, oito e dez versos. Quando recitado se torna evidente sua melodia cadenciada, e a possibilidade de consórcio com a música. Alguns cordelistas o fazem se utilizando da viola. Sua origem no Brasil remonta a própria história de colonização da nação, especialmente no que se refere às muitas influências culturais.

O PAVÃO MISTERIOSO CONTEMPLADO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE ANA MARIA MACHADO

O Pavão Misterioso é uma narrativa brasileira, de cunho coletivo que vem sendo contada e recontada por inúmeros co-autores anônimos. A autoria primeira é incerteza. Alguns críticos, como a escritora Alice Morim, apontam José Camelo de Melo Rezende como escritor do folheto. Outros dizem que João Melquíades Ferreira da Silva escreveu a história, e há os que defendam a inexistência de autoria segura, já que esta narrativa parece ter florescido, em meio a histórias de literatura oral e sendo posteriormente transcrita.

O fato é que essa narrativa representa um valioso patrimônio de cultura imaterial, que enfoca em muitas passagens diversas manifestações folclóricas não somente brasileiras. A transmissão deste rico legado cultural, tem se feito por meio da literatura oral. A literatura oral como já anteriormente ressaltado, no primeiro capítulo, não estabelece relação dicotômica como o texto escrito. Na realidade há uma confluência de relações, cujo objetivo maior é transmissão de interessante material antropológico.

A escritora Ana Maria Machado, reconhecida autora de livros de Literatura Infanto-juvenil, escreveu uma série de quatro volumes, dedicada a recontar histórias de tradição oral brasileira. Seu objetivo maior é permitir as novas gerações contato com este amplo manancial de sabedoria e encantamento, que por vezes fica a margem das possibilidades de leitura. No livro *Histórias á Brasileira volume 3*, onde o *pavão misterioso* é narrado, a autora faz a seguinte apresentação sobre esse variado tesouro de cultura imaterial, que se propôs a escrever.

De modo geral, como nas antologias anteriores, a primeira fonte que recorri foi à memória. Parti de lembranças de histórias que ouvi na infância, contadas por minha avó, meus pais, meus tios. Em seguida tratei de recolher algumas versões de especialistas na área, como Luís da Câmara Cascudo, Sílvio Romero, Monteiro Lobato e outros. Desta vez no caso de “O pavão misterioso”, entre muitas versões, também busquei o canal onde essa narrativa foi imortalizada a Literatura de cordel (MACHADO, 2008. p 7).

A narrativa *O Pavão Misterioso*, segundo a autora Ana Maria Machado, tem como pano de fundo a história de dois irmãos muito unidos, João Batista e João Evangelista. Esses personagens perderam o pai, um viúvo muito rico e poderoso que prezava pela amizade e pelo trabalho honesto. Com essa perda, João Batista resolve usar parte de sua herança numa viagem, cujo objetivo era conhecer o mundo, muito além das fronteiras da fazenda do sertão onde fora criado. Antes de partir, a pedido do irmão João evangelista, que quisera continuar na fazenda, promete trazer de presente o que de mais bonito encontrasse no caminho.

Assim o enredo mergulha num emaranhado de culturas, enfocadas através da passagem de João Batista nos diferentes lugares. No oriente, numa terra de sultões e califas, encontra o presente do irmão, a coisa mais bonita que tinha visto na viagem. Retorna e entrega a João Evangelista a foto da princesa Creusa. Evangelista apaixonou-se pela princesa e decide aventurar-se em pedi-la em casamento, mesmo sabendo de todos impeditivos impostos pela cultura e pelo pai da moça. A fim de conseguir se aproximar da princesa e depois transportá-la, Evangelista encomenda a um inventor uma máquina desconhecida e fantástica que os faria voar. Esse equipamento é o então

pavão misterioso, título da narrativa e tema, ainda hoje, extremamente cantado nos versos de cordel.

Movidos a motor elétrico,/ Depósito de gasolina,/ Com locomoção macia/ Que não fazia buzina,/ A obra mais importante/Que se fez em sua oficina./Tinha cauda como um leque,/ As asas como um pavão/ Pescoço, cabeça e bico,/Alavanca, chave e botão./Voava igual ao vento/ Para qualquer direção (IN: MACHADO, 2008, p. 16).

RELEITURA DE UM MISTERIOSO PAVÃO POR RONALDO CORREIA DE BRITO

Reconhecido nacionalmente também como contista e romancista, tendo recebido, inclusive, pela incursão na narrativa longa, com *Galileia* (2008), o prêmio São Paulo de Literatura, Ronaldo Correia de Brito tem sólida obra de ficção destinada ao público infanto-juvenil. Repertório que abrange, além de livros, discos e espetáculos teatrais – ele que também é dramaturgo. Este estudo contemplará a novela *O Pavão Misterioso* (Cosac Naify, 2004), produzida em parceria com Assis Lima.

Em *O Pavão Misterioso*, a valorização da tradição oral por Brito se dá por meio da figura de Antônio Camilo, que tenta resgatar a importância do folheto de cordel, vendido na feira. Consciente do fascínio exercido pela televisão, gibis e videogames sobre as crianças, ele se lança à contação de uma de suas histórias de folheto a um menino curioso. Tomando como referencial a novela de Brito, em parceria com Lima, vale ressaltar que a literatura de cordel suscita a performance oral. Há histórias tradicionais repassadas via processo verbal e que resguardam, antes de tudo, valores, elementos identitários.

A oralidade tem antes de tudo uma vocação identitária, é também o reflexo formalizado e demonstrado das estruturas sociais e simbólicas. Discurso sobre a sociedade, não se trata apenas de um exercício estético ou lúdico. Os gêneros narrativos orais cristalizam a memória coletiva; explicam o presente e a mudança histórica. Assim, a atualização dos relatos pela performance oral permite compreender a persistência das tradições narrativas. (ZUMTHOR, 1983, p.53, *apud* CAVIGNAC, 2006, p.248)

No esforço de situar a obra ficcional para o público infanto-juvenil, produzida por Ronaldo Correia de Brito, dentro da cena contemporânea de produção no gênero, vale mencionar que a renovação literária que ganhou fôlego na contemporaneidade apontou para uma revisão ao universo fantástico tradicional e para uma representação do mundo mais realista. A autora Ana Maria Machado propõe, por exemplo, em *História meio ao contrário* (1979), um conto de fadas às avessas. O livro *Arlequim*, do autor em estudo, põe em destaque este “anti-herói”, o Mateus que leva vantagem sobre os outros. Um malandro bem ao jeitinho brasileiro. Com a mesma perspicácia, consegue, ao final, contornar os problemas nos quais se envolveu.

No entanto, como apontam Lajolo e Zilberman (2003, p.128), “ao lado, e além de todas essas tendências, algumas obras infantis contemporâneas apontam para outros caminhos que sugerem o esgotamento da representação realista”. Destaca-se, como exemplo, nesse sentido, a novela *O Pavão Misterioso*. No caso, vale ressaltar a maneira como os autores conferem novo vigor às formas da literatura popular, como o folheto de cordel, na sua utilização em projeto de ficção infanto-juvenil. Ainda convém mencionar a forma como Ronaldo e Lima revalorizam também o elemento mágico. No enredo, um herdeiro de grande fortuna da Turquia recorre a uma invenção de um engenheiro, justamente o pavão misterioso, que monta, desmonta e voa, para libertar do cativo uma bela condessa da Grécia.

Brito promove uma adaptação de *O Pavão Misterioso*, em formato de novela destinada ao público infanto-juvenil. O autor procura chamar atenção para a possível perda de espaço do cordel diante da disseminação das mídias de massa.

- Três folhetos por um real! Quem vai comprar?
Os gritos de Antônio Camilo se misturavam aos ruídos da feira.
Não deixem de ler: “A moça que virou cobra”, “O casamento da lagartixa”, “Achegada de Lampião no inferno!”...
As pessoas nem olhavam para Antônio.
Tristonho, ele juntou os cordéis espalhados numa lona velha, no meio da rua. Arrumou um por um os livrinhos impressos em papel jornal, numa tipografia que herdara do avô. Ninguém mais se interessava por aquelas histórias. Quando era pequeno, Antônio Camilo não lia outra coisa além de folhetos.
- Agora, os meninos só querem saber de gibi, videogame e desenho animado (BRITO; LIMA, 2004, p.9).

Do acervo em termos de poética da oralidade, o autor faz uso da estrutura de cordel, de motes de cantoria, de ciranda. A tradição também se faz valer quando Brito explora a intertextualidade para aludir ao Descobrimento do Brasil e ironizar no contexto. Numa embarcação, um estrangeiro seguia com seu pajem, em direção à Grécia. O último termina por avistar, de forma torta, aquilo que seria o Brasil. O diálogo entre o pajem e o amo estrangeiro, assim se estende:

- Só vejo água, mais água, e, por trás de toda água, uma quantidade maior de água./[...] -Olhe com o olho torto./Olhei com o olho torto. Estou vendo tudo atrapalhado. Que bagunça! Descobri o Brasil!/ - Tem palmeiras e sabiás?/ - Não./ - Então, não é o Brasil (BRITO; LIMA, 2004, p.37).

Adaptação livre, imbuída de valores, contextos e discussões contemporâneos, a versão de Brito, em parceria com Lima, empresta renovação, pela linguagem e construção própria da literatura infanto-juvenil contemporânea, a formas clássicas de criação, como a literatura de cordel. Sobretudo, aproxima do público mirim essas modalidades de escritos e poéticas, contribuindo para a formação diferenciada de leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da narrativa *O Pavão Misterioso*, que tem sua origem escrita na Literatura cordel e com manifestações em outras tantas formas literárias, simboliza um mergulho, não somente nas diferentes possibilidades dos gêneros literários tratarem de mesmo tema, mas também, no contato da literatura com a expressão popular, fazendo dessa fonte de criação e representação.

Foi especialmente gratificante notar que os temas populares, tratados nos textos de *O pavão misterioso* e que atestam muito da psicologia e sabedoria populares, poderão ser transmitidos a leitores de diversos níveis e diversas faixas etárias, devida a significativa existência de muitas e diversificadas versões que conseguem contemplar a capacidade leitora dos mais diversos leitores. A função social da literatura, neste texto, realizar-se de maneira plena na legítima possibilidade de encantar inúmeros.

Em suma, a modalidade da literatura infanto-juvenil contemporânea enriquece de renovação, pela linguagem e construção próprias dessa vertente, formas clássicas de criação, como a literatura de cordel, transformando-se em estímulo e ponto para o público mirim alcançar essa matriz ou intensificar seu contato com ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Maria Alice. *No Visgo do improviso ou A peleja Virtual entre Cibercultura e Tradição: comunicação e mídia digital nas poéticas de oralidade*. São Paulo: EDUC, 2008.

BRITO, Ronaldo Correia de; LIMA, Assis. *O Pavão Misterioso*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2006.

CAVIGNAC, Julie. *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: Da história escrita ao relato oral. Tradução: Nelson Patriota*. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História e Histórias*. São Paulo: Ática, 2003.

MACHADO, Ana Maria. *Histórias à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

MASSAUD, Moisés. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

